



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Carla Maria Teixeira Oliveira

**IMPACTO DA RELIGIOSIDADE NO CONSUMO DE
SUBSTÂNCIAS DOS ADULTOS EMERGENTES EM PORTUGAL**

Dissertação no âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde – Psicologia Forense
orientada pelo Professor Doutor António Castro Fonseca e apresentada à Faculdade de Psicologia
e Ciências da Educação.

Outubro de 2020

Impacto da Religiosidade no Consumo de Substâncias dos Adultos Emergentes em Portugal

O consumo de substâncias psicoativas constitui, atualmente, um grave problema de saúde pública, com enormes custos financeiros e humanos em muitos países. Isso tem levado os investigadores de várias disciplinas a juntar esforços para identificar variáveis que contribuam para a sua explicação e para o seu tratamento. Nesse contexto, tem vindo a ser prestada particular atenção à religiosidade, nas últimas décadas.

Os resultados desses estudos apontam, geralmente, para uma relação inversa entre várias dimensões da vivência religiosa e o consumo de substâncias. Porém, na sua maioria, esses estudos são provenientes dos Estados Unidos da América, um país com características muito específicas no que diz respeito à religião e ao consumo de drogas.

O principal objetivo da presente investigação era verificar se a religiosidade tem esse mesmo efeito protetor em Portugal. Utilizou-se, para esse fim, uma amostra de indivíduos que se situam no estágio da adultez emergente, um período do desenvolvimento que se caracteriza por importantes mudanças no domínio da religiosidade e do consumo de substâncias.

A recolha da informação consistiu na administração *online* de um questionário especificamente construído para este estudo e que incluía um conjunto de perguntas sobre a religiosidade, outro sobre as relações interpessoais, outro sobre o consumo de drogas lícitas e ilícitas, e ainda outro sobre as variáveis sociodemográficas.

Os resultados de diversas análises estatísticas não revelaram qualquer relação significativa entre a religiosidade dos participantes e o seu consumo de substâncias. Este padrão de resultados foi observado tanto quando utilizavam índices globais de religiosidade e de consumo de substâncias como quando a análise incidia, separadamente, nas diversas dimensões da religiosidade e nos diferentes tipos de consumo. A associação a pares consumidores e o sexo dos participantes foram as variáveis com a relação mais significativa com o consumo de substâncias.

Com base nestes resultados inesperados, mas não únicos, são feitas várias sugestões para futuros estudos, metodologicamente mais rigorosos,

sobre o mesmo tema, em Portugal.

Palavras chave: Religiosidade, adultos emergentes, consumo de substâncias.

Religiosity's Impact on Emerging Adults' Substance Use in Portugal

Substance use is a serious public health issue, having an enormous financial and human cost in many countries. That has caused researchers from various areas of expertise to unite in an effort to identify variables that contribute to its explanation and treatment. In that context, religiosity has been the target of particular attention in the past few decades.

The results of those investigations point, generally, to an inverse relationship between various dimensions of the religious experience and substance use. However, most of those investigations took place in the United States of America, a country with very specific characteristics in regard to religion and substance use.

The main objective of this investigation was to verify if religiosity has the same protective effect in Portugal. Considering that objective, the present study used a sample of emerging adults, who were, therefore, experiencing a period of human development characterized by important changes in the individuals' religiosity and substance use.

The data collection occurred online, using a questionnaire built specifically for this study, which included a group of questions about religiosity, another about interpersonal relationships, another about the use of both legal and illegal substances, and a third one about sociodemographic variables.

The results of varied statistical analysis did not show any significant relationship between the participants' religiosity and substance use. This pattern was observed both when using global religiosity and substance use indexes, as well as when the analysis focused, separately, on the multiple dimensions of religiosity and the different types of substances. Association with substance-using peers and the participants' sex were the variables with the most significant relationship with substance use.

Taking these unexpected, but not unique, results into account, some suggestions are made to future investigations, with a more thorough methodology, regarding the same topic, in Portugal.

Key Words: Religiosity, emerging adults, substance use.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço ao Professor Doutor António Castro Fonseca, por se mostrar sempre disponível e me dar a liberdade e apoio necessários para realizar esta investigação.

A todas as pessoas que participaram nesta investigação e a tornaram possível.

À minha irmã, por ser a força que me move, por compreender a minha ausência e por acreditar em mim mais do que ninguém. Nada seria possível sem ela.

Aos meus pais, por todo o apoio, motivação e compreensão. Obrigada por acreditarem sempre em mim.

A toda a minha família, por nunca me deixarem perder alento e me lembrarem do que realmente importa.

À Margarida, por me deixar partilhar com ela todas as ideias que me surgiam.

À Joana por, apesar da distância, ser um apoio incondicional, e estar sempre pronta a ouvir-me e motivar-me como ninguém.

À Beatriz, por nunca deixar de me acompanhar nesta jornada.

A todos os meus amigos e colegas por estarem sempre presentes.

Índice

Introdução	1
I – Enquadramento conceptual	2
Consumo de Substâncias	2
Religiosidade	4
A Relação entre a Religiosidade e o Consumo de Substâncias	5
Adultos Emergentes	6
Teoria do Controlo Social	9
A Necessidade de Investigações Transculturais	11
II - Objetivos	11
III - Metodologia	12
Descrição da Amostra	12
Instrumentos	12
Religiosidade	12
Consumo de Substâncias	13
Variáveis Concorrentes	14
Procedimento.....	14
Análise de Dados.....	15
IV - Resultados	15
Caracterização Sociodemográfica	15
Consumo de Substâncias na Adulter Emergente ..	16
Religiosidade na Adulter Emergente.....	17
Relação entre a Religiosidade e o Consumo de Substâncias	18
V – Discussão	22
VI - Conclusões	25
Bibliografia	27
Anexo A. Questionário	33
Anexo B. Frequências relativas dos itens da Religiosidade	38

Introdução

A religião é uma componente essencial da vida em sociedade, influenciando múltiplas facetas do quotidiano dos indivíduos, nomeadamente diversas formas de comportamento desviante. Atualmente, uma ideia muito generalizada na literatura é a de que a religião funciona como um fator de proteção contra esse tipo de problemas, independentemente do efeito da idade, raça ou cultura.

Apesar disso, o estudo científico da relação entre a religiosidade e o comportamento desviante foi, durante muito tempo, quase completamente descurado. Uma possível explicação para esse aparente desinteresse estará, segundo Stark (1984 citado em Chitwood, Weiss, & Leukefeld, 2008), no facto de os investigadores terem atitudes seculares e minimizarem ou ignorarem o papel da religião enquanto influência dos comportamentos sociais modernos. Além disso, é frequentemente dada prioridade a fatores genéticos e neurobiológicos, a variáveis socioeconómicas e culturais, e a características da personalidade ou influências da família ou dos colegas na explicação dos problemas de comportamento. Outra das razões terá sido, ainda, a grande dificuldade em operacionalizar e medir a religiosidade, referida por diversos autores (Chitwood *et al.*, 2008). Em consequência, a religião e a investigação científica foram seguindo, durante muito tempo, caminhos independentes na explicação dos comportamentos desviantes e de outros problemas de saúde mental.

No entanto, esta situação tem vindo a alterar-se nas últimas décadas, registando-se, atualmente, um interesse crescente pela religiosidade na explicação deste tipo de problemas por parte de investigadores oriundos de diferentes disciplinas, com particular destaque para a psicologia, a sociologia e a criminologia.

O trabalho verdadeiramente pioneiro que terá iniciado a investigação contemporânea sobre esta questão foi realizado nos Estados Unidos da América por Hirschi e Stark (1969). Utilizando como quadro de referência a Teoria do Controlo Social do comportamento desviante, os autores testaram a hipótese segundo a qual a religião funcionaria como um vínculo que protege o indivíduo contra o risco de conduta antissocial. Mas, contrariamente às predições da teoria, os seus resultados mostraram que a esperada relação inversa entre esses dois fenómenos era fraca ou nula (Hirschi & Stark, 1969).

Posteriormente, diversos outros investigadores retomaram o estudo desta questão obtendo resultados compatíveis com a ideia inicial da existência de um papel protetor da religião. Esse efeito está bem documentado em numerosas publicações provenientes de diferentes países. De facto, há diversas meta-análises e revisões da literatura que concluem que, de modo geral, a religiosidade está associada à diminuição dos comportamentos delinquentes (Adamczyk, Freilich, & Kim, 2017; Kelly, Polanin, Jang, & Johnson, 2015).

Mais particularmente, o consumo de substâncias psicoativas parece ter diversas associações com a religião. Por exemplo, Aberle (1996 citado em Chitwood *et al.*, 2008) refere a associação das drogas a estados de consciência

alterados, que fazem parte da experiência religiosa, e McBride, Mutch e Chitwood (1996 citados em Chitwood *et al.*, 2008) destacam que algumas religiões, como o Cristianismo, o Judaísmo e o Islão proíbem o consumo de substâncias nos seus textos sagrados e através das suas tradições, mas utilizam algumas nos seus sacramentos. Apesar disso, várias organizações religiosas e os seus líderes têm tentado influenciar as políticas relativas ao consumo de álcool e drogas (Gusfield, 1996, Musto, 1999, Schmidt, 1995 citados em Chitwood *et al.*, 2008), e há instituições que integram elementos da religião nos seus programas de tratamento ou recuperação da toxicodependência (Chitwood *et al.*, 2008; Miller, 1998).

No conjunto, os estudos apoiam, de maneira bastante consistente, a ideia de que a religiosidade é um fator que protege contra o envolvimento no consumo de substâncias e que contribui para a desistência daqueles que já o tenham iniciado (Chitwood *et al.*, 2008). Outra ideia recorrente nessa literatura é a de que a relação entre a religiosidade e o consumo de substâncias é frequentemente afetada ou mediada por outras variáveis, designadamente fatores de natureza sociodemográfica e cultural (Kelly *et al.*, 2015). Porém, até agora, a maioria destas investigações tem ocorrido nos Estados Unidos da América, um país com características muito específicas no que diz respeito a taxas de consumo de substâncias, religiões, etnias e culturas. A possibilidade de generalizar as conclusões dos estudos aí realizados a outros países é, por isso, uma questão ainda em aberto. Por exemplo, em Portugal, tanto quanto é do nosso conhecimento, essa questão foi objeto de apenas uma investigação (Dias, 2011).

Com o presente estudo, procura-se contribuir para o preenchimento dessa lacuna ao testar a hipótese de uma relação inversa entre a religiosidade e o consumo de substâncias numa amostra de indivíduos da comunidade, com idades correspondentes ao estágio da adultez emergente. Apesar de esta ser uma fase da vida marcada por importantes desenvolvimentos, tanto no que diz respeito ao consumo de substâncias como à religiosidade, tem merecido até agora pouca atenção da parte dos investigadores que exploram a relação entre estes dois fenómenos.

I – Enquadramento conceptual

Consumo de Substâncias

O consumo de substâncias e as perturbações a ele associadas são problemas que afetam a vida de milhares de pessoas, tornando-se um problema de saúde pública em vários países. De acordo com o United Nations Office on Drugs and Crime (UNODC, 2020), o consumo de drogas tem vindo a aumentar, sendo o número de consumidores estimado em 2018 de 269 milhões, perfazendo 5.3% da população mundial, sendo a maioria destes adolescentes e jovens adultos.

Em 2018, estimava-se que existiam, a nível mundial, 192 milhões de consumidores de canábis. Os opióides surgiam como a segunda droga mais consumida, com 58 milhões de utilizadores. O ecstasy e a cocaína apareciam também como drogas consumidas, com, respetivamente, 21 e 19 milhões de consumidores (UNODC, 2020).

Na União Europeia, cerca 96 milhões dos habitantes entre os 15 e os 64 anos admitem ter consumido algum tipo de droga na sua vida, sendo estimado que 20 milhões desses se referem a pessoas entre os 15 e os 34 anos. Os consumidores são, maioritariamente, do sexo masculino, sendo a substância ilícita mais consumida a canábis (71%), seguida pela cocaína, com um número substancialmente mais baixo (10%) (European Monitoring Centre for Drugs and Drug Addiction [EMCDDA], 2020).

Falando, particularmente, do contexto português, o consumo de substâncias tende a ter início entre os 15 e os 24 anos. Durante este período surgem padrões de consumo nocivos e abusivos que poderão evoluir para dependência, o que apoia a necessidade da existência de medidas preventivas para indivíduos desta faixa etária (Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências [SICAD], 2019a, 2019b).

A substância psicoativa mais consumida em Portugal é o álcool, sendo a prevalência de consumo nos jovens entre os 15 e os 34 anos de 83% ao longo da vida. Considerando a mesma faixa etária, a canábis é a segunda substância mais consumida (15%), seguindo-se a cocaína (1.1%) e o ecstasy (0.9%) (SICAD, 2019a, 2019b).

As consequências do consumo de drogas estendem-se a diversas áreas do funcionamento humano. A nível legal, existem no código penal português dois crimes que são consequência direta do consumo de álcool: a condução com taxa de álcool no sangue superior a 1.2 g/L (art.º 295.º do CP) e embriaguez e intoxicação (art.º 295º do CP). Refira-se, ainda a este propósito que, em 2014, 28% dos reclusos admitiram estar sob o efeito de álcool quando cometeram o delito que motivou a sua reclusão. Já o consumo de substâncias ilícitas é alvo de processos de contraordenação, sendo a maioria relativa ao consumo de canábis, seguindo-se o de cocaína. Quando comparados com crimes cometidos sob o efeito de drogas ilícitas, os cometidos sob o efeito de álcool tendem a ser mais violentos e a resultar em penas mais pesadas (SICAD, 2019a, 2019b).

O consumo poderá, ainda, ter inúmeras consequências ao nível da saúde, nomeadamente, a dependência, anteriormente referida, que pode ser comórbida com doenças infecciosas na população de injetores, e, no limite, a morte. Em 2018, cerca de 25 mil pessoas foram tratadas por problemas relacionados com o consumo de substâncias em Portugal, tendo sido registados 307 óbitos com presença de substâncias ilícitas, 16% dos quais foram declarados overdoses. Também nesse ano foi detetada a presença de álcool em 1017 óbitos (SICAD, 2019a, 2019b).

Apesar do aumento do consumo a nível mundial, o tratamento de perturbações relacionadas com o consumo de drogas continua a ser limitado, sendo calculado que apenas um em cada oito consumidores tem acesso ao mesmo, e existindo, simultaneamente, uma diminuição do investimento público nesta área (UNODC, 2020). No entanto, os investigadores de diversas áreas científicas, como a psicologia, a sociologia e a medicina continuam os seus esforços para conhecer os fatores de risco e proteção para o consumo de substâncias, de forma a tornar mais eficaz a prevenção e tratamento do mesmo. Um dos fatores que tem vindo a ganhar destaque enquanto fator

protetor é a religiosidade. Grim e Grim (2019) referem que, nos Estados Unidos da América, 73% dos programas utilizados no tratamento de indivíduos com perturbações relativas ao consumo de substâncias tinham pelo menos um elemento relacionado com a religiosidade/espiritualidade.

Religiosidade

Nas investigações que exploram a relação entre a religiosidade e o consumo de substâncias, os termos religião, religiosidade e espiritualidade tendem a ser utilizados de forma indiscriminada, sendo o conceito religiosidade o que é empregue mais frequentemente. No entanto, trata-se, em rigor, de conceitos diferentes.

Assim, de acordo com Dobbelaere (2011), o conceito de religião está a expandir-se, referindo-se a “um sistema de crenças e rituais relativos ao sobrenatural, que unem numa única comunidade moral todos aqueles que a seguem”.

Já o conceito de espiritualidade é definido por Koenig e colaboradores (2001 citados em Chitwood *et al.*, 2008) como “a procura pessoal para compreender as respostas acerca da vida, do significado, e da relação com o sagrado ou transcendente, que pode ou não levar ao desenvolvimento de rituais religiosos e formação de uma comunidade”. No entanto, a maioria das pessoas experiencia a espiritualidade no contexto de uma religião organizada, não distinguindo a religião da espiritualidade (Marler & Hadaway, 2002, Zinnbauer *et al.*, 1997 citados em Hill & Pargament, 2003).

Por sua vez, o termo religiosidade é frequentemente utilizado para designar a maneira como as pessoas se identificam ou aderem aos ensinamentos, crenças, valores e práticas de uma determinada religião. Mas, apesar da aparente simplicidade, a definição deste conceito coloca alguns desafios, uma vez que cada área de estudo a aborda de forma distinta: a teologia tem em consideração a dimensão da fé, os educadores religiosos concentram-se nas crenças religiosas e na ortodoxia, e a sociologia inclui a participação em serviços religiosos, a afiliação religiosa, a aceitação de crenças, o conhecimento da doutrina e a vivência da fé. Esta discrepância dificulta a comunicação entre os diversos investigadores, bem como a construção de uma medida que englobe todas essas dimensões e possa ser utilizada de maneira satisfatória em diferentes contextos (Cardwell, 1980, Groome, 1998, Groome & Corso, 1999 citados em Holdcroft, 2006).

No que diz respeito à investigação na área da psicologia, a literatura não apresenta uma operacionalização consensual do conceito de religiosidade (Chitwood *et al.*, 2008), inclusive relativamente à ligação entre as dimensões cognitivas e comportamentais da religião (Holdcroft, 2006).

Uma consequência desta complexidade a nível conceptual tem sido o aparecimento de várias medidas da religiosidade, cada uma referindo-se a uma ou outra dimensão. Isso pode, por sua vez, dificultar a comparação dos resultados de diferentes estudos, impedindo a obtenção de uma perspetiva global e integrada da relação entre a religiosidade e o consumo de substâncias psicoativas. Contrariando essa tendência, alguns autores defendem que os estudos que utilizam medidas multidimensionais mostram um maior efeito protetor contra o consumo de substâncias que as medidas unidimensionais

(Russell, Yu, Thompson, Sussman, & Barry, 2020).

Por esse motivo, a maioria das investigações na área do comportamento delincente e do consumo de droga utiliza uma combinação de dimensões da religiosidade aquando da sua operacionalização, procurando, assim, obter uma compreensão mais completa da relação entre a religiosidade e os comportamentos desviantes (Adamczyk *et al.*, 2017). Por exemplo, Palamar, Kiang e Halkitis (2014) utilizaram a afiliação religiosa, a participação em serviços religiosos e a importância da religião; Jang (2018) mediu a religiosidade subjetiva e a participação em serviços religiosos; e Rivera, Lauger e Cretacci (2018) operacionalizaram a religiosidade medindo a frequência de participação em serviços religiosos, a religiosidade organizacional, a religiosidade privada, o grau de proximidade a deus, e a importância de deus na sua vida. Estas tentativas de operacionalização da religiosidade salientam a sua natureza multidimensional, podendo incluir domínios individuais e institucionais (Hill & Pargament, 2003).

Perante esta multidimensionalidade do conceito da religiosidade, procurou-se, nesta investigação, incluir as componentes que, de acordo com a literatura, são mais utilizadas no estudo da religiosidade e consumo de substâncias em adultos emergentes. Segundo Chitwood e colaboradores (2008), esses elementos são: afiliação religiosa, que considera a organização ou confissão religiosa a que a pessoa pertence; religiosidade organizacional, que avalia a dimensão institucional da religião, como a participação em serviços religiosos; religiosidade privada, que se refere a atividades religiosas que podem ser efetuadas individualmente, sem a presença de outros, como rezar ou ler textos religiosos sozinho; religiosidade subjetiva, que está relacionada com a avaliação interna que cada indivíduo faz da sua relação com a religião (e.g. qual a importância desta na sua vida); e, finalmente, crenças religiosas, designadamente, a crença na vida depois da morte. Por outras palavras, toma-se aqui a religiosidade no seu sentido mais lato, incluindo as cinco dimensões descritas, de forma a compreender se existe alguma que tenha uma relação distinta com o consumo de substâncias.

A Relação entre a Religiosidade e o Consumo de Substâncias

Como já se referiu anteriormente, na esteira do estudo pioneiro de Hirschi e Stark (1969), outros investigadores começaram a interessar-se pelo efeito da religião não só na conduta delincente, mas também sobre vários outros tipos de problemas, incluindo o consumo de substâncias. A testemunhá-lo existe já uma extensa bibliografia.

Numa revisão dessa já vasta literatura sobre esta questão, Chitwood e colaboradores (2008) verificaram que na maioria das publicações o aumento no nível de religiosidade estava associado à diminuição do consumo de substâncias psicoativas. Por exemplo, a religiosidade é tida como fator protetor quando são considerados diferentes grupos de adolescentes, quer sejam americanos (Bartkowski & Xu, 2007), turcos (Unlu & Sahin, 2016) ou indonésios (French, Purwono, Zhao, Shen, & Eisenberg, 2019); quando se utilizam grupos de adultos (Allen, 2009; Burdette, Webb, Hill, Haynes, & Ford, 2018) e jovens (Rivera *et al.*, 2018; Sanchez, Oliveira, & Nappo, 2008); ou quando se recorre a grupos mais específicos, como estudantes

universitários (Brawner, 2018; Brown, Salsman, Brechting, & Carlson, 2008) e adultos da população prisional (Staton, Webster, Hiller, Rostosky, & Leukefeld, 2003). Esta conclusão parece não se limitar aos estudos transversais, tendo vindo a surgir, também, em alguns estudos longitudinais (Guo & Metcalfe, 2019; Hill & Pollock, 2015; Jang, 2018; Ulmer, Desmond, Jang, & Johnson, 2012).

Isto não significa, porém, que haja entre os investigadores um total consenso sobre este ponto. Os resultados de alguns estudos sugerem que a religiosidade está associada a um maior risco de consumo de substâncias (Sussman *et al.*, 2006; Assanangkornchai *et al.*, 2002 citados em Chitwood *et al.*, 2008). Por sua vez, Marsiglia, Kulis, Nieri e Parsai (2005) verificaram, numa amostra de adolescentes de origem mexicana, que a religiosidade não tinha qualquer impacto no consumo de substâncias. E, num estudo com estudantes universitários diagnosticados com patologias relacionadas com o trauma, Prout, Gerber e Gottdiener (2015) concluíram que a religiosidade não era um moderador entre os sintomas de trauma e o consumo de substâncias.

De modo geral, estes estudos mostram que o efeito da religião sobre o consumo de drogas é muito mais forte e consistente do que os efeitos sobre outros tipos de comportamento desviante. Referindo-se a essa situação, alguns autores distinguem entre transgressões ou crimes anti ascéticos (ou seja, atos condenados a nível legal, mas tolerados pela comunidade, como acontece com o consumo de certas substâncias) e transgressões seculares (ou seja, atos condenados pela lei e pela comunidade, como certas formas de violência ou de crimes contra a propriedade) (Evans *et al.*, 1996; Guo & Metcalfe, 2019; Miller & Vuolo, 2018).

Adultos Emergentes

Durante muito tempo, os estudos sobre a religiosidade e o consumo de substâncias utilizavam, sobretudo, amostras de adolescentes; mas, recentemente, a atenção dos investigadores tem sido orientada para os indivíduos que se encontram na adultez emergente, uma fase da vida conhecida pela ocorrência de importantes mudanças, designadamente a nível da religiosidade e do consumo de substâncias psicoativas (Salvatore & Rubin, 2018).

Jeffrey Arnett apresentou, em 1994, o conceito “adultez emergente”, definindo-o como “o período entre o momento em que o sujeito considera que começou a transição para a idade adulta e o momento em que considera que completou essa transição” (Arnett, 1994). Esta fase da vida ocorre entre os 18 e os 25 anos, e representa um momento essencial no desenvolvimento de cada indivíduo.

Uma das muitas mudanças que ocorre durante a adultez emergente está relacionada com a forma como a religiosidade é experienciada. Nesta fase, os adultos emergentes tendem a distanciar-se das crenças dos pais e a rejeitar as instituições religiosas, por terem um conjunto de crenças predefinido. Apesar disso, mesmo quando rejeitam estas instituições, os adultos emergentes pensam em assuntos religiosos. Assim, as crenças religiosas surgem, nesta faixa etária, como auxiliares importantes na resposta a questões relativas à visão do mundo, e, simultaneamente, uma dessas questões (Arnett, 2014;

Arnett & Jensen, 2002).

A adultez emergente é, também, o período da vida em que existe um aumento acentuado do consumo de substâncias. Este aumento, que ocorre principalmente nos indivíduos de sexo masculino, pode ter várias explicações. Primeiro, o consumo de substâncias psicoativas lícitas, como o álcool, é visto, nas sociedades ocidentais, como típico, ou mesmo normativo desta fase da vida. Segundo, o aumento de sentimentos de ansiedade e de psicopatologia, relatado pelos adultos emergentes, pode levá-los a consumir substâncias psicoativas como forma de automedicação. Terceiro, o afastamento dos pais, associado à aproximação aos pares, poderá ter uma importante influência, uma vez que os indivíduos com tendência para consumir substâncias formarão relações que encorajem e reforcem esse comportamento (Arnett, 2005, 2014).

Apesar disso, os adultos emergentes com maior nível de religiosidade apresentam menores níveis de consumo de substâncias psicoativas, podendo esse efeito ser explicado de várias maneiras. Em primeiro lugar, as organizações e doutrinas religiosas, tendencialmente, desencorajam os comportamentos de risco, como o consumo de substâncias. Por outro lado, a participação religiosa pode refletir a propensão dos indivíduos para agir de forma convencional e socialmente aceitável e, assim, a menor probabilidade de consumirem drogas (Arnett, 1998).

Esta relação inversa tem sido demonstrada em diversos estudos, surgindo em grupos com diferentes características, nomeadamente, estudantes universitários de diversos países, como o Brasil (Gomes, Andrade, Izbicki, Almeida, & Oliveira, 2013), Israel (Isralowitz *et al.*, 2017) ou Estados Unidos da América (Johnson, Sheets, & Kristeller, 2008; Kathol & Sgoutas, 2016). Também em participantes da população geral se mantêm os resultados, mesmo quando são incluídos indicadores de bem-estar mental (Edlund *et al.*, 2009; Fowler, Ahmed, Tompsett, Jozefowicz-Simbeni, & Toro, 2008) ou relativos à rede social (Demir-Dagdaz & Child, 2019; Palamar *et al.*, 2014), independentemente da substância ou substâncias consideradas.

Num desses estudos, Palamar e colaboradores (2014) exploraram a relação entre o consumo recente de diversas drogas ilícitas e a religiosidade em adultos emergentes em Nova Iorque.

Os participantes foram interrogados acerca do consumo de marijuana, cocaína em pó, ecstasy, opióides de uso não médico e anfetaminas de uso não médico nos 12 meses anteriores, bem como acerca da sua exposição a outros sujeitos que consomem substâncias ilícitas. A religiosidade foi operacionalizada utilizando a afiliação, a participação em serviços religiosos e a importância da religião, separadamente (Palamar *et al.*, 2014).

Os resultados demonstraram que, quando controladas as variáveis demográficas e a afiliação religiosa, apenas a participação em serviços religiosos uma ou mais vezes por semana se revelava um fator de proteção em relação ao uso de marijuana e cocaína, mas não tinha qualquer efeito no uso de opióides ou anfetaminas. Por seu lado, a importância atribuída à religião, depois de controladas a afiliação religiosa e a participação em serviços religiosos, não era um fator de proteção para o consumo de nenhuma droga. Os resultados denotam, ainda, que a participação em serviços religiosos e o

nível de importância da religião têm sempre efeitos protetores, independentemente da afiliação. No entanto, estes efeitos desaparecem quando é controlada a exposição a outros utilizadores. Esta exposição era sempre o melhor preditor do consumo de substâncias, independentemente do nível de religiosidade (Palamar *et al.*, 2014).

Perante estes resultados, os autores questionam o efeito direto da religiosidade, sugerindo que a participação em serviços religiosos é algo que é mais apelativo para os indivíduos não consumidores, limitando a sua exposição a indivíduos menos religiosos, que poderão, por sua vez, ter maior probabilidade de consumir drogas ilícitas (Palamar *et al.*, 2014).

Esta questão foi retomada numa investigação realizada por Thomson (2016), na qual se analisou o papel dos vínculos sociais a pais e pares enquanto mediadores da relação entre a religiosidade e o consumo de substâncias dos adultos emergentes. A investigação envolveu três momentos de avaliação distintos, o primeiro dos quais ocorreu quando os participantes tinham entre 13 e 18.5 anos e o último quando tinham entre 17 e 24 anos.

Na avaliação do consumo de substâncias, o autor teve em conta a frequência do consumo de bebidas alcoólicas, de cigarros e de marijuana, bem como o número de vezes que os participantes tinham estado alcoolizados no ano anterior e nas duas semanas anteriores (Thomson, 2016).

A operacionalização da religiosidade, por seu lado, teve em conta a saliência religiosa, a frequência com que as pessoas rezam sozinhas, a frequência com que leem textos sagrados sozinhas, a frequência com que participam em serviços religiosos, a frequência com que vão à catequese ou outro tipo de educação religiosa e a frequência com que se encontram com grupos de jovens ligados à religião (Thomson, 2016).

Para medir a dimensão relativa à vinculação à família, foram feitas diversas perguntas sobre a forma como os participantes se relacionavam com os pais, nomeadamente, perguntas relativas à proximidade, à compreensão, à qualidade da relação, à frequência com que falavam sobre assuntos pessoais, à frequência com que os encorajavam ou elogiavam e à frequência com que diziam que os amavam. Os participantes respondiam a cada uma das questões acerca da relação com a mãe e com o pai, separadamente. Por sua vez, para avaliar a vinculação a pares consumidores de substâncias pedia-se-lhes que indicassem quantos dos seus cinco amigos mais próximos consumiam drogas ou bebiam muito (Thomson, 2016).

Os resultados desta investigação contrariam a hipótese de que o efeito da religiosidade é indireto ou diminui devido aos vínculos familiares ou associação a pares consumidores. Em vez disso, verificou-se que a diminuição do consumo de substâncias se deve à crença, proveniente da religião, de que o “corpo é um templo” e do acesso, concedido pela religião, a recursos sociais e psicológicos alternativos ao consumo de substâncias para lidar com o stress. Perante estes dados, o autor conclui que a religião é eficaz enquanto instituição social e pode, simultaneamente, resistir à influência do consumo de substâncias e influenciá-lo de forma negativa (Thomson, 2016).

Apesar disso, a associação a pares consumidores de drogas ou álcool surge como a variável com maior efeito, justificando pelo menos uma parte

do efeito da religiosidade. Tal resultado coincide com o previsto pela teoria da aprendizagem social, que postula que os comportamentos delinquentes são aprendidos por imitação e por associação a pares com esse tipo de conduta (Akers, 1985, 2009 citado em Thomson, 2016). Já a vinculação à família parece ter efeitos mínimos no consumo de substâncias, o que é coincidente com a informação teórica que afirma que existe uma mudança da influência primária dos pais para os pares durante a adultez emergente (Thomson, 2016).

Uma outra conclusão reportada em vários estudos é a de que a religiosidade tem um impacto diferente dependendo da substância que é considerada. Além disso, diferentes dimensões da religiosidade parecem ter efeitos distintos no consumo de substâncias (Chitwood *et al.*, 2008).

Finalmente, vários estudos têm demonstrado que, quando se controla a exposição a outros consumidores ou a associação a pares que consomem substâncias psicoativas, esta é a variável que surge enquanto melhor preditor do consumo de substâncias. Já a vinculação aos pais parece ter apenas efeitos mínimos no consumo (Fowler *et al.*, 2008; Johnson *et al.*, 2008; Palamar *et al.*, 2014; Thomson, 2016).

Em suma, a investigação tem revelado de maneira bastante consistente que o aumento do consumo substâncias anda associado à diminuição da religiosidade, durante a adultez emergente. Este facto está bem documentado em vários estudos singulares e num pequeno número de revisões da literatura (Chitwood *et al.*, 2008; Demir-Dagdas & Child, 2019; Edlund *et al.*, 2009). Mas, como já anteriormente se referiu, existem ainda muitas dúvidas e incertezas sobre o sentido dessa relação e sobre a maneira como essa influência se processa. A falta de um quadro teórico de referência que permita integrar e que ajude a compreender a grande quantidade de dados que sobre este tópico se tem vindo a acumular é, aliás, uma das críticas que tem sido feita à investigação neste domínio (Chitwood *et al.*, 2008).

Teoria do Controlo Social

Há, em Criminologia, várias teorias que podem contribuir e, de facto, têm contribuído, para a explicação da relação entre a religiosidade e o comportamento desviante. Uma das mais relevantes e mais conhecida é a Teoria do Controlo Social de Hirschi, que serviu de quadro de referência ao estudo de Hirschi e Stark (1969), anteriormente referido.

De acordo com esse modelo teórico, todos os seres humanos têm capacidade de cometer atos delinquentes, ou seja, a delinquência é inerente à natureza humana. Tal não acontece porque o comportamento humano é controlado através da socialização, por intermédio dos vínculos a valores, pessoas e instituições pró-sociais. Os vínculos sociais são, então, a fonte de conformidade, dando aos indivíduos algo a perder quando cometem atos delinquentes. Por outras palavras, os comportamentos delinquentes surgem quando não existem os controlos impostos pelos vínculos sociais e por pontos de viragem como encontrar emprego ou casar. Hirschi defende que esses laços sociais são compostos por quatro elementos: vinculação, comprometimento, envolvimento e crença (Costello & Laub, 2020; Pratt, Gau, & Franklin, 2011).

A vinculação é a ligação emocional a indivíduos ou instituições pró-sociais, como os pais, a escola e os pares, que poderão ser uma fonte de

incentivo ou de desmotivação do comportamento delincente, de acordo com o grau em que desaprovam esses comportamentos (Agnew, 1985; Costello & Laub, 2020; Pratt *et al.*, 2011).

O comprometimento refere-se ao investimento do indivíduo em atividades convencionais e em obrigações como trabalhar ou estar na escola, uma vez que não as cumprir tem consequências negativas para o indivíduo, particularmente nas suas relações sociais (Agnew, 1985; Costello & Laub, 2020; Pratt *et al.*, 2011).

O envolvimento está relacionado com a participação em atividades consideradas convencionais, como a escola ou desportos, que reduzem a disponibilidade, em termos de tempo, para os indivíduos se envolverem em atos delinquentes. No entanto, segundo a investigação, este preditor não parece ter qualquer efeito na diminuição da participação em comportamentos desviantes (Costello & Laub, 2020).

Por último, a crença refere-se ao nível de adesão do indivíduo a leis e normas sociais, conforme acredita ou não na validade moral das mesmas, e sente ou não que tem que as seguir (Costello & Laub, 2020; Pratt *et al.*, 2011).

Embora a religião não seja uma das componentes principais da teoria, vários autores defendem que esta pode ser considerada uma das instituições sociais que contribui para manter os indivíduos afastados do consumo de drogas ou para os ajudar no caso de eles já terem problemas relacionados com o mesmo. Essa influência pode exercer-se de várias maneiras. Por exemplo, as organizações religiosas, enquanto instituições pró-sociais, funcionam como fonte de vinculação e desencorajam o consumo de substâncias, condenando-o através das crenças religiosas. Além disso, as atividades religiosas reduzem a disponibilidade temporal das pessoas para se envolverem em atos delinquentes, como o consumo de substâncias, dando-lhes também oportunidade de criar laços com outros indivíduos que, tendencialmente, desaprovam este tipo de comportamento. Do mesmo modo, a vinculação a pares parece ter um papel importante no comportamento delincente, uma vez que ter colegas delinquentes oferece uma oportunidade para cometer comportamentos desviantes e ter alguém com quem cometer este tipo de atos pode ser motivador suficiente. Em contrapartida, ter colegas religiosos funciona como um fator de pressão ou dissuasão contra o consumo de substâncias (Burdette *et al.*, 2018; Costello & Laub, 2020; Evans, Cullen, Dunaway, & Burton, 1995; Petts, 2009).

De qualquer modo, as investigações realizadas no seguimento do estudo pioneiro de Hirschi e Stark (1969) têm também chamado a atenção para o facto da força vinculadora da religião variar em função das características culturais dos participantes e, designadamente, em função do estatuto de uma determinada religião num determinado grupo ou país. Por exemplo, o efeito protetor da religião parece ser mais forte quando as pessoas vivem numa comunidade muito religiosa do que quando vivem em comunidades mais secularizadas (Tittle & Welch, 1983). Uma implicação que daí se pode retirar é a de que as conclusões dos estudos anteriores sobre a relação entre a religiosidade e o consumo de substâncias psicoativas, provenientes sobretudo dos Estados Unidos da América, podem não ser

confirmadas em países com outras tradições religiosas.

A Necessidade de Investigações Transculturais

Uma das críticas frequentemente feitas à investigação neste domínio tem a ver com a escassez de estudos que permitam verificar se a relação entre a religiosidade e o consumo de substâncias psicoativas se observa em indivíduos criados em diferentes culturas e educados noutras religiões (Chitwood *et al.*, 2008).

Essa escassez é particularmente notória no nosso país. Tanto quanto é do nosso conhecimento, um dos primeiros estudos a abordar essa questão foi realizado por Dias (2011) e envolveu uma amostra de adolescentes da comunidade. No âmbito desse estudo, os participantes responderam a várias questões sobre o consumo de substâncias, incluídas num questionário mais vasto sobre comportamento antissocial, e, num outro questionário, responderam a questões sobre a regularidade da sua participação em serviços religiosos e se professavam ou não uma religião.

Os resultados revelaram, como se esperava, uma relação inversa entre a maior regularidade das práticas religiosas e o consumo de drogas. Do mesmo modo, os indivíduos que professavam uma religião admitiam menor envolvimento no consumo de substâncias que os seus pares que não seguiam qualquer religião. Não se registou, porém, qualquer efeito significativo da religião sobre outras formas de comportamento antissocial (Dias, 2011).

Um segundo estudo foi realizado por Gomes (2018) e envolvia uma amostra especial de adultos em liberdade condicional ou que a tinham revogado. Os resultados mostraram a esperada relação negativa entre a religiosidade e a conduta criminal, que deixava de ser significativa quando se controlava o efeito de variáveis concorrentes tais como a personalidade, o autocontrolo, as atitudes criminais, as crenças morais e a história criminal. Porém, o estudo é omissivo no que diz respeito especificamente à relação entre a religiosidade e o consumo de drogas.

Ademais, nenhum dos estudos acima mencionados analisava especificamente a adultez emergente.

II - Objetivos

O objetivo principal da presente investigação é analisar a relação entre as diferentes componentes da religiosidade e o consumo de substâncias lícitas e ilícitas numa amostra de adultos emergentes portugueses da comunidade. Mais concretamente, as seguintes hipóteses serão aqui testadas:

- A religiosidade está relacionada de forma negativa com o consumo de substâncias, ou seja, quanto maior for o índice de religiosidade menor será o risco desse tipo de consumo.
- Esta relação manter-se-á significativa independentemente da dimensão da religiosidade considerada.
- O poder da relação da religiosidade com o consumo de substâncias diminui quando se controla o efeito moderador de variáveis concorrentes como a vinculação aos pais e a associação a pares consumidores ou a pares religiosos.

Um objetivo subsidiário deste estudo foi a construção de uma escala de

religiosidade, uma vez que, tanto quanto era nosso conhecimento, não existia uma medida que permitisse a prossecução do nosso objetivo principal.

Espera-se, assim, esclarecer se as conclusões de uma vasta literatura, proveniente sobretudo dos Estados Unidos da América, se poderão generalizar à população portuguesa e, mais particularmente, à adulez emergente. Além disso, dada a escassez de informações sobre esta questão em Portugal, o presente estudo poderá conduzir a uma primeira caracterização da religiosidade nesta fase da vida e, ao mesmo tempo, fornecer importantes pistas para futuras investigações sobre a relevância da religiosidade para a explicação e o tratamento do consumo de substâncias no nosso país.

III - Metodologia

Descrição da Amostra

A população alvo do presente estudo foram os adultos emergentes portugueses, cujo único critério de inclusão era pertencerem a esta faixa etária, ou seja, terem entre 18 e 25 anos. Assim, foram selecionados 97 indivíduos da comunidade que se encontravam nesse estágio de desenvolvimento, sendo as suas principais características apresentadas na Tabela 1.

Foi utilizada a técnica de amostragem não probabilística (Ribeiro, 2010) e, mais especificamente, o método de amostragem por conveniência, uma vez que os participantes foram selecionados devido à disponibilidade e facilidade de acesso aos mesmos (Etikan, Musa, & Alkassim, 2016). Esta técnica de amostragem é bastante utilizada no estudo das ciências sociais, tendo sido utilizada na validação de algumas teorias em psicologia (Leiner, 2014).

Instrumentos

Dada a escassez de publicações sobre a relação entre a religiosidade e o consumo de substâncias no nosso país, uma das primeiras tarefas realizadas foi a pesquisa de instrumentos adequados ao estudo desta questão nesta fase da vida. No entanto, nenhum dos instrumentos encontrados era adequado para responder às questões da presente investigação, nomeadamente no que dizia respeito à multidimensionalidade da religiosidade.

Assim, foi construído um novo instrumento, combinando e reconstruindo itens descritos e utilizados em diversas investigações prévias, nomeadamente, de Chadwick e Top (1993), Evans e colaboradores (1996), Johnson, Larson, De Li e Jang (2000), Salas-Wright, Vaughn, Hodge e Perron (2012) e Salas-Wright, Vaughn e Maynard (2014).

O instrumento, construído após a pesquisa bibliográfica, é composto por quarenta e um itens (Anexo A), distribuídos por secções que diziam respeito à religiosidade e ao consumo de substâncias, bem como ao relacionamento com pais e pares, além de uma lista de variáveis sociodemográficas.

Religiosidade

De forma a operacionalizar a variável *religiosidade*, foram tidas em conta diversas dimensões deste conceito cuja importância está bem documentada em vários estudos recentes, nomeadamente, a afiliação religiosa, a religiosidade organizacional, a religiosidade privada, a

religiosidade subjetiva e as crenças religiosas.

No que diz respeito à afiliação religiosa, pediu-se aos participantes que indicassem a sua profissão religiosa atual. Esta dimensão foi, posteriormente, operacionalizada em ausência de afiliação religiosa, quando os participantes identificaram ser ateus ou agnósticos, ou presença de afiliação religiosa, quando indicaram seguir uma religião. No caso de terem selecionado agnósticos ou ateus, perguntou-se-lhes se já tinham tido uma afiliação religiosa, e, se sim, qual.

No que diz respeito à religiosidade organizacional teve-se em conta a frequência de participação em serviços religiosos e de participação em atividades ligadas a grupos religiosos organizados, podendo as respostas ser “nunca”, “algumas vezes por ano”, “uma vez por mês”, “uma vez por semana” e “várias vezes por semana” para cada um dos dois itens. O resultado nesta subescala poderia variar entre 2 (resultado mínimo) e 10 (resultado máximo).

Utilizando esta mesma escala, foi avaliada a religiosidade privada, através de três itens, tais como “Com que frequência lê textos sagrados sozinho?”, a frequência com que reza sozinho e com que vê ou ouve programas de televisão ou rádio. A pontuação nesta dimensão poderia variar entre 3 e 15 pontos.

Para medir a religiosidade subjetiva, foram feitas quatro perguntas sobre a importância da religião na sua vida, nomeadamente, “Quão importantes são as crenças religiosas na sua vida?”, “Quão importante é a religião na sua vida?”, e, ainda, até que ponto se sente uma pessoa religiosa e uma pessoa próxima de deus, cujas respostas podiam ser “nada”, “um pouco”, “mais ou menos” ou “muito”. Assim, o resultado nesta dimensão poderia variar entre 4 e 16 pontos.

Por sua vez, a subescala relativa a crenças religiosas, integrava duas perguntas: “Até que ponto se sente convencido/a que deve existir alguém responsável pela origem do universo?” e “Até que ponto se sente confiante que existe vida depois da morte?”, que se traduzia numa pontuação que variava entre 2 e 8 pontos.

A soma destas subescalas fornece um score global de religiosidade que poderia variar entre 11 (valor mínimo) e 49 (valor máximo). As frequências relativas de todos os itens desta escala podem ser encontradas no Anexo B.

Consumo de Substâncias

A medida do consumo de substâncias utilizada nesta investigação consistia numa série de perguntas sobre a frequência com que os participantes tinham consumido cada uma das seguintes substâncias durante os 12 meses anteriores: álcool, tabaco, cânabis/haxixe, cocaína, heroína, opióides, cogumelos alucinogénios, ecstasy, tranquilizantes ou sedativos sem prescrição médica, LSD e anfetaminas ou metanfetamina. A resposta era dada numa escala de 1 (nunca) a 5 (sete ou mais vezes), podendo o score global nesta escala variar entre 11 e 55 pontos.

Para além de fornecer um score global, estas perguntas foram distribuídas por duas subescalas: uma de drogas lícitas e outra de drogas ilícitas. A primeira incluía o álcool e o tabaco, podendo a pontuação variar entre 2 e 10 pontos. A segunda incluía as restantes substâncias, variando o

score nesta categoria entre 9 e 45 pontos.

Variáveis Concorrentes

Para controlar se a eventual relação entre a religiosidade e o consumo de substâncias seria mais bem explicada por outros fatores, recolheram-se informações sobre as variáveis concorrentes mais frequentemente referidas na literatura acerca deste tema: os indicadores sociodemográficos, a vinculação aos pais e a relação com pares.

Variáveis Sociodemográficas

A secção do questionário relativa às características sociodemográficas dos participantes incluiu dez perguntas, selecionadas com o objetivo de excluir algumas destas enquanto possíveis fatores que influenciem a relação entre a religiosidade e o consumo de substâncias.

Para tal, pediu-se aos participantes que indicassem a sua idade, o seu sexo, a sua nacionalidade, o nível de escolaridade que tinham concluído, bem como o número total de anos de escolaridade que tinham completado. Além disso, os participantes indicaram também a sua raça ou etnia, o seu estado civil e a sua filiação, ou seja, se tinham filhos, quantos eram e que idade tinham aquando do nascimento do primeiro.

Vinculação aos Pais

De acordo com a Teoria do Controlo Social, a ligação afetiva a vários membros da comunidade é um forte fator de proteção contra o comportamento desviante. Nesse contexto, os pais desempenham um papel importante.

Assim, de forma a compreender a vinculação aos pais, perguntou-se aos participantes quão próximos se sentiam da sua mãe e quão próximos se sentiam do seu pai, sendo a escala de respostas “nada”, “um pouco”, “mais ou menos” ou “muito”. A pontuação nesta escala podia variar entre 2 e 8 pontos.

Associação a Pares

A importância dos pares, particularmente na adolescência e juventude, é um facto reconhecido por diversas teorias do comportamento desviante e, mais concretamente, no estudo dos problemas relacionados com o consumo de droga.

Assim, para operacionalizar a relação dos participantes com colegas que consomem substâncias, foi pedido que indicassem quantos dos seus cinco amigos mais próximos consumiam álcool ou drogas, podendo os resultados variar entre 0 e 5.

Além disso, perguntou-se aos participantes quantos dos seus cinco amigos mais próximos partilham as suas crenças religiosas e quão importante é para eles que tal aconteça. A resposta à primeira pergunta era dada em termos numéricos, entre 0 e 5, e a resposta à segunda era dada numa escala de “nada”, “um pouco”, “mais ou menos” ou “muito”, podendo o valor total da escala oscilar entre 1 e 9 pontos.

Procedimento

A recolha das respostas ao questionário previamente descrito decorreu ao longo de quatro meses, entre dezembro de 2019 e abril de 2020, através de um documento no *GoogleForms*, que foi difundido quer através de publicações públicas no *Facebook*, quer através de mensagens privadas. A recolha de dados utilizando plataformas virtuais apresenta algumas vantagens,

como a possibilidade de aceder a um maior número de indivíduos, o que melhora a validade externa e a generalização dos resultados, e a participação completamente voluntária, que tende a ser um facto motivador para os participantes. Tais vantagens parecem superar largamente eventuais desvantagens (Riva, Teruzzi, & Anolli, 2003). Antes de iniciarem o preenchimento do questionário, os participantes deram o seu consentimento informado, após serem esclarecidos acerca da confidencialidade das suas respostas.

Análise de Dados

Para testar as hipóteses acima enunciadas levaram-se a cabo diversas análises estatísticas, utilizando para esse efeito o programa SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), versão *Subscription*.

Assim, o primeiro conjunto de análises diz respeito à caracterização sociodemográfica da amostra, enquanto o segundo conjunto se destina a uma análise descritiva bastante sumária dos diferentes tipos de consumo. Por sua vez, o terceiro diz respeito à caracterização da religiosidade na adultez emergente em Portugal. Será prestada particular atenção às características psicométricas da medida de religiosidade construída especificamente para esta investigação. Tanto neste conjunto de análises como no da secção anterior utilizar-se-ão diversas técnicas estatísticas em função dos diferentes tipos de medidas disponíveis (e.g. estatísticas descritivas, teste de Kruskal-Wallis e teste de Mann-Whitney). Finalmente, o quarto conjunto de análises incide sobre a relação entre a religiosidade e o consumo de substâncias (score global e score nas diferentes dimensões/subescalas), recorrendo-se para tal a técnicas de análise de regressão, nas quais o consumo de substâncias é a variável dependente e a religiosidade, bem como as restantes variáveis concorrentes, serão variáveis independentes. Nalgumas destas últimas análises, procurar-se-á verificar se o efeito exercido pela religiosidade sobre o consumo de substâncias psicoativas varia (ou desaparece) na presença de outras variáveis concorrentes (e.g. vinculação aos pais ou associação a colegas).

IV - Resultados

Caracterização Sociodemográfica

Para obter uma melhor compreensão das características da amostra, foram realizadas análises estatísticas descritivas das diversas variáveis sociodemográficas, cujos resultados estão sintetizados na Tabela 1.

Como por aí se pode ver, a amostra é constituída por 97 indivíduos, com idades entre os 18 e os 25 anos, sendo a média 21.97 e o desvio-padrão 1.817.

Relativamente ao sexo dos participantes, setenta e sete eram do sexo feminino (77.4%) e vinte do sexo masculino (20.6%). Todos os participantes eram portugueses, tendo quatro deles (4.1%) dupla nacionalidade.

A maioria dos participantes são de raça branca (97.9%), sendo os restantes de raça negra (2.1%). Além disso, a maioria dos participantes era solteiro (96.9%), sendo 2 casados (2.1%) e 1 unido de facto (1%), mas nenhum deles reportou ter filhos.

A maioria dos participantes indicou ter completado a licenciatura

(67%), vinte e sete ter terminado o secundário (27.8%), quatro o mestrado (4.1%) e um o doutoramento (1%). Os dados perfazem, ainda, uma média de 14.84 anos de escolaridade concluídos e um desvio-padrão de 1.997. Como referido anteriormente, trata-se de uma amostra de conveniência e não de uma amostra representativa da população geral.

Tabela 1. Caracterização sociodemográfica da amostra

		N	Prevalência (%)	M ± DP
Idade		97		21.97 ± 1.817
Sexo	Feminino	77	77.4%	
	Masculino	20	20.6%	
Nacionalidade	Portuguesa	93	95.9%	
	Portuguesa e outra	4	4.1%	
Raça/Etnia	Branca	95	97.9%	
	Negra	2	2.1%	
Estado Civil	Solteiro(a)	94	96.9%	
	Casado(a)	2	2.1%	
	Unido(a) de facto	1	1%	
Grau de Escolaridade	Ensino Secundário	27	27.8%	
	Licenciatura	65	67%	
	Mestrado	4	4.1%	
	Doutoramento	1	1%	
Anos de Escolaridade Concluídos		97		14,84 ± 1.997
Filhos	Sim	0	0%	
	Não	97	100%	

Nota. N= número de indivíduos; M= média; DP= desvio-padrão.

Consumo de Substâncias na Adulter Emergente

Os resultados da análise descritiva do consumo de substâncias, correspondentes à percentagem de indivíduos que assumiu ter consumido cada uma das substâncias nos 12 meses anteriores, são apresentados na Tabela 2. Não se faz aí referência aos cogumelos alucinogénios, LSD e anfetaminas e metanfetamina porque nenhum dos participantes admitiu esse tipo de consumo. Os resultados apresentados têm em conta a distribuição no total da amostra e por sexo.

Para averiguar mais aprofundadamente a relação do sexo dos participantes com o consumo de substâncias foi realizado um teste de Mann-Whitney, que demonstrou a existência de uma relação significativa ($U=551.00$, $p=.048$). Então, pode afirmar-se que existem diferenças

estatisticamente significativas entre os resultados no consumo total de substâncias consoante o sexo.

Tabela 2. Estatísticas descritivas do consumo de substâncias no total e por sexo

	Total da Amostra (%)	Masculino (%)	Feminino (%)
Substâncias			
Álcool	89.7%	90%	89.6%
Cigarros	33%	45%	29.9%
Medicamentos	8.2%	10%	7.8%
Canábis	18.6%	40%	13%
Cocaína	1%	0%	1.3%
Ecstasy	1%	0%	1.3%

Assim, os resultados demonstram, como expectável, que o álcool é a substância mais consumida pelos adultos emergentes, independentemente do sexo. No entanto, a diferença identificada no teste de Mann-Whitney é patente quando se consideram as diferenças percentuais apresentadas na Tabela 2, sendo claro que o sexo masculino apresenta maior consumo em grande parte delas, e os resultados do sexo feminino que são, de facto, superiores, referem-se apenas a uma participante, pelo que não poderão ser considerados representativos desse grupo.

Religiosidade na Adulter Emergente

Na Tabela 3, faz-se uma descrição sumária da distribuição dos participantes deste estudo por diferentes religiões atualmente professadas em Portugal. No que diz respeito à amostra total, a maioria dos participantes afirmou ser da religião Católica (53.6%), seguindo-se os participantes ateus (29.9%) e agnósticos (12.4%). As restantes respostas foram: Protestante (2.1%), Testemunha de Jeová (1%) e Ortodoxa (1%). As distribuições referentes a cada um dos sexos estão, também, apresentadas na Tabela 3.

Tabela 3. Estatísticas descritivas da Afiliação Religiosa

	Total da Amostra (%)	Masculino (%)	Feminino (%)
Afiliação Religiosa			
Católica	53.6%	45%	55.8%
Ateu	29.9%	15%	33.8%
Agnóstica	12.4%	30%	7.8%
Protestante	2.1%	5%	1.3%
Testemunha de Jeová	1%	0%	1.3%
Ortodoxa	1%	5%	0%

Como por aí se pode ver, as confissões religiosas não cristãs não estão representadas, pelo que se optou por não examinar o efeito específico que cada profissão religiosa poderia ter no consumo de droga.

Tendo em conta os participantes que indicaram ser agnósticos ou ateus, 68.2% admitiu ter tido uma afiliação religiosa no passado. Esses participantes indicaram, maioritariamente, ter sido católicos (90%), sendo as restantes afiliações passadas também cristãs.

Importa ainda referir que na análise exploratória das qualidades psicométricas da medida utilizada para operacionalizar a religiosidade neste

estudo se obteve uma consistência interna excelente para a escala completa ($\alpha=.930$). Resultados igualmente bons foram obtidos para as subescalas que a integram, sendo o valor mais elevado para a religiosidade subjetiva ($\alpha=.950$), seguida da religiosidade organizacional ($\alpha=.778$), das crenças religiosas ($\alpha=.749$) e, por fim, da religiosidade privada ($\alpha=.742$).

Como seria de esperar, obtiveram-se também correlações significativas ($p < .01$) entre todas as dimensões da religiosidade (Tabela 4).

Tabela 4. Correlações entre as dimensões da Religiosidade

	Organizacional	Privada	Subjetiva	Crenças Religiosas
Organizacional	1.000	.617**	.740**	.404**
Privada		1,000	.801**	.659**
Subjetiva			1.000	.680**
Crenças Religiosas				1.000

Nota. ** $p < .01$

Por sua vez, para analisar as relações entre estas variáveis e a presença ou não de afiliação a uma entidade religiosa, foram realizados testes de Mann-Whitney para cada uma das dimensões. Os resultados apoiam a existência de relações entre a afiliação a instituições religiosas e as dimensões organizacional ($U=1846.00$, $p < .01$), privada ($U=2031.00$, $p < .01$), subjetiva ($U=2152.00$, $p < .01$) e crenças religiosas ($U=1909.00$, $p < .01$), o que coincide com os resultados previamente encontrados na investigação (Palamar *et al.*, 2014).

Utilizando, novamente, o teste de Mann-Whitney, foram também analisadas as relações entre as dimensões da religiosidade e ter ou não professado uma religião no passado. Ao contrário dos anteriores, os resultados não apoiam a existência de relações entre a afiliação passada a instituições religiosas e as dimensões organizacional ($U=146.00$, $p=0.202$), privada ($U=204.00$, $p=0.824$), subjetiva ($U=156.00$, $p=0.313$) e crenças religiosas ($U=166.00$, $p=0.456$). Uma possível explicação para este resultado é que, durante a infância e a adolescência, a afiliação religiosa pode ser imposta pelos pais ou pela comunidade, e não uma escolha livre do indivíduo.

Relação entre a Religiosidade e o Consumo de Substâncias

Antes de ser iniciada a análise dos dados, devem ser aferidos os pressupostos da normalidade e homogeneidade da distribuição da amostra. Com esse objetivo, foi utilizado o teste de Shapiro-Wilk. Todas as variáveis em estudo obtiveram *p-values* inferiores a 0.05, pelo que não foram satisfeitas as condições para que a distribuição da amostra fosse considerada normal. Por esse motivo, e de forma a responder aos objetivos propostos nesta investigação, foram realizados testes não paramétricos.

Para analisar as variáveis sociodemográficas (exceto o sexo, previamente apresentado), foram realizadas regressões lineares não tendo nenhuma delas sido significativa, quer se tratasse da idade ($\beta=.141$, $p=.169$), dos anos de escolaridade ($\beta=.016$, $p=.874$), ou da idade de início de consumo de substâncias ($\beta=-.091$, $p=.471$). Também os resultados no teste de Kruskal-Wallis não mostraram qualquer relação entre o nível de escolaridade

concluído e o total de consumo ($\chi^2(3)=2.264, p=.519$). Os resultados relativos às restantes variáveis sociodemográficas (e.g. nacionalidade, estado civil, filiação) não foram apresentados devido à grande homogeneidade existente na presente amostra relativamente a essas características.

De seguida, para se analisar se a religiosidade contribuía para o envolvimento no consumo de substâncias, efetuaram-se análises de regressão linear utilizando o método *Enter*. Os resultados dessas análises estão sintetizados na Tabela 5 e mostram que nem a religiosidade no seu todo (pontuação total) nem cada dimensão da mesma são preditores do consumo de substâncias (score global).

Tabela 5. Efeito da Religiosidade na pontuação total no Consumo de Substâncias

	β	t	p
Religiosidade Total	-.097	-.953	.343
R ²	.009		
F	.908		
Organizacional	-.106	-1.403	.300
R ²	.011		
F	1.008		
Privada	-.103	-1.005	.317
R ²	.011		
F	1.011		
Subjetiva	-.093	-.907	.367
R ²	.009		
F	.823		
Crenças Religiosas	-.102	-.999	.321
R ²	.010		
F	.997		

Nota. Nenhuma das regressões é significativa para $p=.05$

Além disso, também foram consideradas, separadamente, as relações da religiosidade com as substâncias lícitas e ilícitas. Os resultados dessas análises de regressão mostraram que a religiosidade continua a não ser um preditor, quer para o consumo de substâncias ilegais ($\beta=-.097, p=.343$), quer para o consumo de substâncias legais ($\beta=-.122, p=.235$), pelo que nos dispensamos de as apresentar em detalhe.

Para analisar a dimensão relativa à presença ou não de afiliação a uma instituição religiosa, foram realizados testes de Mann-Whitney. Os resultados demonstram que ter ou não uma afiliação religiosa atual não altera o consumo de substâncias dos indivíduos ($U=993.50, p=.254$), o mesmo acontecendo em relação a ter uma afiliação religiosa passada ($U=237.00, p=.276$). Da mesma forma, quando era considerada cada uma das afiliações religiosas individualmente (e.g. católico, ateu, agnóstico, protestante) nenhuma delas apresentava uma relação com o total do consumo, o que é demonstrado através do teste de Kruskal-Wallis ($\chi^2(5)=4,294, p=.508$).

Por sua vez, com o objetivo de analisar mais profundamente a relação entre a religiosidade e o consumo de substâncias, foi analisada a correlação de cada uma das dimensões da religiosidade com cada uma das substâncias, não

tendo sido encontrado nenhum resultado estatisticamente significativo, como se pode ver na Tabela 6.

Tabela 6. Correlação entre as dimensões da Religiosidade e cada Substância

	Álcool	Cigarros	Medicamentos	Canábis	Cocaína	Ecstasy
Organizacional	-,054	-,121	,142	,055	-,115	-,115
Privada	-,093	-,095	,111	-,007	,002	,002
Subjetiva	-,005	-,086	,102	-,049	-,131	-,131
Crenças	-,122	-,032	,122	-,029	-,137	-,137
Religiosas						
Afiliação ¹	-,056	-,104	,036	-,101	-,119	-,119
Total	-,007	-,078	,131	-,011	-,159	-,159

Nota. Nenhuma das correlações é significativa para $p < .05$.

Tabela 7. Efeito das Variáveis Interpessoais e Sociodemográficas no Consumo de Substâncias (score global)

	β	t	p
Vinculação aos Pais	-.021	-2.203	.839
R ²		.000	
F		.041	
Pares Consumidores	.369	3.873	.000
R ²		.136***	
F		15.004***	
Pares Religiosos	.045	.443	.659
R ²		.002	
F		.197	
Religiosidade x Vinculação aos Pais	.094	.138	.890
R ²		.010	
F		.306	
Religiosidade x Pares Consumidores	.118	.405	.686
R ²		.142	
F		5.142**	
Religiosidade x Pares Religiosos	-.301	-.552	.582
R ²		.039	
F		1.237	
Religiosidade x Idade de Início do Consumo	-1.833	-1.309	.195
R ²		.079	
F		1.749	

Nota. ** $p < .01$; *** $p < .001$

Na Tabela 7 são apresentados os dados relativos ao efeito das variáveis de relacionamento interpessoal – vinculação aos pais e associação a pares consumidores e a pares religiosos – utilizando regressões lineares. Ainda no mesmo quadro podem ver-se dados relativos ao papel moderador que essas

¹ Refere-se à presença ou ausência de uma afiliação religiosa atualmente.

variáveis interpessoais, bem como a idade de início do consumo, exercem na relação entre a religiosidade e o consumo de substâncias. Como se pode verificar, os resultados mostram que apenas a associação a pares consumidores – quer enquanto preditor quer enquanto variável moderadora – tem efeito no score global do consumo de substâncias. Assim, os modelos que incluem esta variável explicam, respetivamente, 13.6% e 14.2% da variabilidade no consumo de substâncias.

Para aprofundar a compreensão da forma como as variáveis sociodemográficas, de relacionamento interpessoal e da religiosidade influenciam o consumo de substâncias, foi realizada uma regressão hierárquica, utilizando o método *Enter*, cujos resultados são sintetizados na Tabela 8.

Tabela 8. Sumário das análises de regressão linear hierárquicas para as variáveis predictoras do Consumo de Substâncias (score global)^a

	B	SE	β	t value	R ²	ΔR^2
Primeiro Bloco						
Sexo	-3.291	1.114	-.382**	-2,954	.178	
Nível de Escolaridade	.638	.779	.109	.819		
Idade de Início do Consumo	.005	.275	.003	.019		
Segundo Bloco						
Vinculação aos Pais	-.214	.349	-.081	-.612	.187	.009
Terceiro Bloco						
Pares Consumidores	.450	.240	.234	1.876	.264	.077
Pares Religiosos	-.154	.381	-.067	-.405		
Quarto Bloco						
Afiliação Organizacional Privada	-.820	1.476	-.118	-.556	.283	.019
Afiliação Organizacional Subjetiva	-.120	.296	-.070	-.406		
Crenças Religiosas	.053	.239	.041	.220		
	.015	.223	.018	.067		
	-.084	.341	-.052	-.247		

Nota. ** $p < .01$

No primeiro bloco foram introduzidas as variáveis sociodemográficas sexo, anos de escolaridade concluídos e idade de início de consumo, sendo o modelo significativo ($F(3,61)=4.411$, $p < .01$). Importa destacar o fator sexo, por ser o único a apresentar-se enquanto significativo ($p = .001$). No segundo bloco, foi introduzida a variável *vinculação aos pais*. Este modelo não apresentou uma mudança de F significativa ($F(1,60)=3.455$, $p = .420$). No terceiro bloco foram acrescentados os fatores relativos à associação a pares, e, embora o modelo não fosse significativo ($F(2,58)=3.474$, $p = .055$), o fator relativo à associação a pares consumidores foi ($p = .031$). Por último, no quarto bloco, foram adicionadas as variáveis da religiosidade, e o modelo continuou a não apresentar uma mudança de F significativa ($F(5,53)=1.093$, $p = .923$).

Os valores de tolerância do modelo variaram entre .189 (religiosidade subjetiva) e .810 (sexo) e os valores do VIF (*Variance Inflation Factor*) entre 1.235 (sexo) e 5.289 (religiosidade subjetiva), o que sugere que não existem problemas de multicolineariedade.

Pode, então, afirmar-se que o modelo explica 28.3% da variabilidade no consumo de substâncias, destacando-se, sobretudo, o sexo dos participantes enquanto preditor do mesmo, uma vez que, no último bloco, a associação a pares consumidores deixa de fazer uma contribuição significativa para o modelo. Este resultado parece reafirmar a importância do sexo dos participantes enquanto variável explicativa do consumo de substâncias.

V – Discussão

A presente investigação teve como objetivo principal analisar a relação entre a religiosidade e o consumo de substâncias na idade adulta emergente em Portugal. Além disso, procurou-se examinar se as relações interpessoais, nomeadamente com os pais e com os pares, têm alguma influência nessa.

Os participantes deste estudo tinham uma idade média de 22 anos, sendo maioritariamente brancos (97.9%) e do sexo feminino (77.4%). Eram, também, maioritariamente solteiros (96.9%) e nenhum tinha filhos, e mais de metade tinha completado a licenciatura (67%). Estes dados refletem a homogeneidade bastante elevada desta amostra, o que a torna pouco representativa da população geral. É de salientar, em especial, a grande diferença entre o número de participantes do sexo feminino e masculino. No entanto, ser solteiro e não ter filhos são, de acordo com a literatura, características da idade adulta emergente (Arnett, 2014), pelo que a uniformidade nessas variáveis é expectável.

No que diz respeito à afiliação religiosa, verificou-se que a maioria dos participantes se declaravam católicos (53.6%), sendo 4% cristãos não católicos, percentagens quase idênticas às encontradas por Bullivant (2018), respetivamente, 53% e 4.1%. Ademais, quando se tem em conta os indivíduos sem afiliação religiosa, ou seja, ateus e agnósticos, verifica-se que a presente investigação obteve uma percentagem de 42.3% e o estudo acima mencionado 42%. Assim, a distribuição das afiliações religiosas da presente investigação parece ser semelhante à que ocorre entre os jovens portugueses da população geral.

Além disso, todas as dimensões da religiosidade apresentam relações entre si, o que está de acordo com as conclusões da literatura acerca desta questão (Jang, 2018; Palamar *et al.*, 2014; Thomson, 2016). Em particular, as correlações entre ter ou não uma afiliação religiosa e as restantes dimensões da religiosidade sugerem que a maioria dos participantes não experiencia a religiosidade fora do contexto de uma organização religiosa, o que é congruente com o que tem sido documentado na literatura (Hill & Pargament, 2003). Apesar disso, a correlação entre a religiosidade organizacional e as crenças religiosas revelou-se a menos forte, sugerindo que nem sempre as crenças religiosas estão diretamente relacionadas com a participação em atividades em instituições religiosas. Embora os dados sugiram que esta escala constitui uma medida aceitável de religiosidade, o estudo exaustivo das suas qualidades psicométricas está ainda por fazer e vai muito para além do objetivo da presente investigação.

Uma outra conclusão deste estudo é que o álcool é a substância mais consumida pelos adultos emergentes em Portugal. Estes resultados são

consistentes com as estatísticas do SICAD (2019a), bem como com os dados proveniente de estudos efetuados em diversas sociedades ocidentais (Arnett, 2014). Ainda em relação a este ponto, observou-se a ausência de relações entre a maioria das variáveis sociodemográficas e o consumo de substâncias. A única exceção diz respeito à variável sexo, verificando-se que os participantes do sexo masculino têm uma maior probabilidade de consumir substâncias do que os participantes do sexo feminino. Tal resultado é consistente não só com os resultados da investigação em geral (Gomes *et al.*, 2013; Salvatore & Taniguchi, 2012), mas também com a literatura existente acerca do consumo de substâncias dos adultos emergentes (Arnett, 2014; SICAD, 2019a, 2019b).

Já no que diz respeito à relação entre a religiosidade e o consumo de substâncias – o principal objeto desta investigação – os resultados são, à primeira vista, bastante surpreendentes, uma vez que não foi encontrada a relação inversa entre a religiosidade e o consumo de substâncias, como era esperado. O mesmo aconteceu, aliás, quando a análise incidiu sobre as diferentes dimensões da religiosidade, e quando se explorou o efeito da associação com pares religiosos ou o efeito da vinculação aos pais (Abbott, Lamphere, & McGrath, 2019; Guo & Metcalfe, 2019; Jang, 2018; Palamar *et al.*, 2014; Thomson, 2016; Yonker, Schnabelrauch, & DeHaan, 2012). Porém, neste último caso, o resultado é mais fácil de explicar, pois durante a adultez emergente observa-se, de maneira geral, uma transição da influência dos pais para os pares, e, portanto, uma diminuição da influência dos pais (Arnett, 2005, 2014; Arnett & Jensen, 2002; Thomson, 2016). Realmente, a única variável de relacionamento interpessoal que surge como preditor do consumo de drogas é a associação a pares consumidores de substâncias. Este resultado é apoiado pela literatura relativa à adultez emergente e à delinquência, bem como pelos resultados da investigação, que mencionam o papel decisivo dos amigos durante esta fase da vida, particularmente no que concerne ao consumo de substâncias psicoativas (Arnett, 2005; Costello & Laub, 2020; Johnson *et al.*, 2008; Palamar *et al.*, 2014; Thomson, 2016).

Em síntese, pode dizer-se que os resultados da presente investigação são inconsistentes com as conclusões de uma já vasta literatura sobre a relação entre a religiosidade e o consumo de substâncias psicoativas, e difíceis de conciliar com as predições da teoria do controlo social que vê na religião um importante fator de proteção contra o comportamento desviante. Embora inesperada, esta situação não é inédita, como se conclui pela literatura (Abbott *et al.*, 2019; Chitwood *et al.*, 2008). O próprio Hirschi, no seu trabalho pioneiro sobre esta questão, obteve resultados contrários às predições da sua teoria (Hirschi & Stark, 1969). Para explicar tais discrepâncias nos resultados, vários aspetos da presente investigação devem ser tidos em conta.

Em primeiro lugar, os participantes deste estudo formavam um grupo muito especial, sendo essencialmente do sexo feminino, uma das características apontadas como fator de proteção contra o consumo de substâncias (Cooper, May, Soderstrom, & Jarjoura, 2009; Gomes *et al.*, 2013; Salvatore & Taniguchi, 2012) e que, dessa forma, poderá ter eclipsado o efeito da religiosidade. Seria interessante verificar, em futuros estudos com amostras mais diversificadas e representativas da população geral, se este padrão se

mantém. E, nessa ordem de ideias, valeria a pena analisar a relação entre a religiosidade e o consumo de droga em grupos de indivíduos com graves problemas de toxicod dependência, para os quais a experiência religiosa poderá ter um significado e uma importância diferentes.

Segundo, a medida de religiosidade aqui utilizada foi construída especificamente para este estudo, pelo que as suas qualidades psicométricas não estão, ainda, suficientemente comprovadas, e, por isso, não é possível determinar até que ponto poderá ter enviesado os resultados obtidos. O desenvolvimento de novas medidas de religiosidade para a população portuguesa deverá constituir uma prioridade para as futuras investigações neste domínio, pois permitirá um teste mais rigoroso das hipóteses aqui analisadas. É certo que, recentemente, se tem registado um esforço considerável de adaptação de tais medidas à população portuguesa (Pinto & Pais-Ribeiro, 2007; Silva, Pereira, Monteiro, & Bártolo, 2019), mas a informação relativa a essas adaptações é escassa e poucos desses instrumentos parecem dar conta da multidimensionalidade deste construto.

Terceiro, o presente estudo é de natureza transversal e centra-se, exclusivamente, numa faixa etária relativamente estreita. Assim, não é possível saber se os resultados obtidos são um fenómeno transitório ou se aparece igualmente noutras idades. Para esclarecer estas dúvidas seriam necessários participantes de idades mais diferenciadas e, sobretudo, uma metodologia longitudinal que permitisse verificar de que forma a relação entre a religiosidade e o consumo de substâncias evolui ao longo da vida. Só assim será possível determinar se existe uma relação causal entre os dois fenómenos.

Quarto, vários autores têm referido que a grande maioria dos trabalhos sobre esta questão têm sido conduzido em países de língua inglesa e, sobretudo, nos Estados Unidos da América, alertando para a possibilidade de os seus resultados poderem não ser confirmados noutros países com culturas e religiões diferentes, bem como com diferentes políticas em relação ao consumo de substâncias (Chitwood *et al.*, 2008). Os resultados da presente investigação parecem confirmar esses receios, mas infelizmente não nos permitem identificar quais os fatores culturais ou outros que, neste processo, terão neutralizado o efeito da religiosidade sobre o consumo de droga. Por exemplo, o predomínio quase absoluto da religião católica (e ausência de religiões não cristãs), a taxa relativamente baixa de consumo de certas substâncias ilícitas, a homogeneidade da população ou a atitude de grande tolerância em relação ao consumo de certas substâncias (v.g. o álcool ou canábis) poderão ser fatores que influenciaram os resultados do presente estudo.

Quinto, esta discrepância nos resultados pode dever-se, pelo menos em parte, ao facto do efeito protetor da religiosidade contra o consumo abusivo de substâncias e outras condutas desviantes só ocorrer em determinadas circunstâncias, por exemplo, quando a sociedade tem uma atitude ambígua em relação a esse comportamento, mas a religião o condena claramente, como parece acontecer em relação ao consumo de certas drogas (Benda, 1995).

Finalmente, a informação utilizada neste estudo foi obtida através de um questionário *online*, o que poderá levantar algumas dúvidas relativamente

à validade das respostas. Por exemplo, é possível que alguns dos participantes não tivessem compreendido bem algumas das perguntas, ficassem com dúvidas sobre os objetivos do estudo ou sobre as garantias de confidencialidade ou, ainda, não prestassem atenção suficiente a algumas questões. Tais receios são, certamente, legítimos, uma vez que a informação que lhes é solicitada diz respeito a aspetos tão delicados e pessoais como a religiosidade e o consumo de substâncias, algumas das quais ilícitas. Importa, no entanto, lembrar que vários estudos têm demonstrado a validade desta metodologia, nomeadamente na investigação relativa ao consumo de substâncias (Miller *et al.*, 2002; Riva *et al.*, 2003).

De qualquer modo, algumas das limitações metodológicas, bem como algumas das incertezas previamente referidas, poderão ser esclarecidas com recurso a estudos longitudinais prospetivos que utilizem grandes amostras da população geral, que adotem medidas com boas propriedades psicométricas, devidamente adaptadas para a população e cultura portuguesas, e que incluam, para além da religiosidade e o consumo de substâncias, outras variáveis concorrentes de maneira a, mais facilmente, se poder determinar a existência de uma relação causal entre a religiosidade e o consumo de droga.

VI - Conclusões

Os estudos sobre a relação entre a religiosidade e o consumo de substâncias na idade adulta emergente são ainda muito raros em psicologia e, tanto quanto é do nosso conhecimento, inexistentes em Portugal. Por isso, uma questão interessante a que a presente investigação procurava dar resposta era a de saber se as conclusões dos estudos anteriores, provenientes sobretudo dos Estados Unidos da América, se poderiam generalizar à população portuguesa.

Surpreendentemente, os dados aqui apresentados e discutidos não confirmam a existência de tal relação, contradizendo, assim, a ideia muito generalizada de que a religião é um importante fator de proteção contra o consumo de substâncias (Guo & Metcalfe, 2019; Jang, 2018; Palamar *et al.*, 2014; Thomson, 2016; Yonker *et al.*, 2012).

Como acima se referiu, é possível que resultados tão discrepantes tenham na sua origem limitações metodológicas de várias ordens. Para as superar, serão necessárias investigações mais complexas, que utilizem medidas de religiosidade e de consumo de substâncias mais rigorosas e técnicas estatísticas mais sofisticadas.

Assim, enquanto tais estudos não forem executados, recomenda-se prudência na utilização dos resultados de estudos levados a cabo no estrangeiro, tanto para efeito de prevenção, como de tratamento desses problemas no nosso país, pois é possível que a esperada relação inversa varie bastante em função de fatores sociais, históricos e culturais. A este propósito, Miller e Kelley (2005) defendiam que

“se quisermos chegar a conclusões sobre um impulso universal dos humanos para acreditar no não-verificável bem como nas consequências psicológicas dessas crenças e nas práticas que delas resultam, é preciso fazer investigações fora dos Estados Unidos da América e com pessoas que sigam religiões diferentes das religiões

não-abraâmicas” (p. 472).

Vistos sobre este prisma, os resultados imprevistos da presente investigação tanto podem ser uma consequência de limitações metodológicas, como refletir, simplesmente, as dificuldades (ou mesmo impossibilidade) de generalizar as conclusões de estudos americanos sobre este tópico para outras populações com diferentes culturas, práticas religiosas ou tradições de consumo de substâncias psicoativas.

Bibliografia

- Abbott, J., Lamphere, R., & McGrath, S. A. (2019). College students' alcohol and substance use: Religiosity as a protective factor. *Journal of Alcohol and Drug Education, 63*(3), 61-87. Recuperado a 16 de abril de 2020 de <https://search.proquest.com/docview/2367795760?accountid=39703>
- Adamczyk, A., Freilich, J. D., & Kim, C. (2017). Religion and crime: A systematic review and assessment of next steps. *Sociology of Religion, 78*(2), 192-232. doi:10.1093/socrel/srx012
- Agnew, R. (1985). Social control theory and delinquency: A longitudinal test. *Criminology, 23*(1), 47-61. doi:10.1111/j.1745-9125.1985.tb00325.x
- Allen, T. M. (2009). *Religiosity, spirituality, and substance abuse*. Dissertação de mestrado, University of Alabama, Tuscaloosa, Alabama, Estados Unidos da América. Disponível em: https://ir.ua.edu/bitstream/handle/123456789/542/file_1.pdf?sequence=1
- Arnett, J. J. (1994). Are college students adults? Their conceptions of the transition to adulthood. *Journal of Adult Development, 1*(4), 213-224. doi:10.1007/bf02277582
- Arnett, J. J. (1998). Risk behavior and family role transitions during the twenties. *Journal of Youth and Adolescence, 27*(3), 301-320. doi:10.1023/a:1022851003328
- Arnett, J. J. (2005). The developmental context of substance use in emerging adulthood. *Journal of Drug Issues, 35*(2), 235-254. doi:10.1177/002204260503500202
- Arnett, J. J. (2014). *Emerging Adulthood: The Winding Road from the Late Teens Through the Twenties* (2nd ed.). Nova Iorque, NY: Oxford University Press, Estados Unidos da América.
- Arnett, J. J., & Jensen, L. A. (2002). A congregation of one. *Journal of Adolescent Research, 17*(5), 451-467. doi:10.1177/0743558402175002
- Bartkowski, J. P., & Xu, X. (2007). Religiosity and teen drug use reconsidered: A social capital perspective. *American Journal of Preventive Medicine, 32*(6S), S182-S194. doi:10.1016/j.amepre.2007.03.001
- Benda, B. B. (1995). The effect of religion on adolescent delinquency revisited. *Journal of Research in Crime and Delinquency, 32*(4), 446-466. doi:10.1177/0022427895032004004
- Brawner, C. T. (2018). The prospective influence of religiousness on alcohol use: What role do perceived norms play?. Dissertação de doutoramento, The University of Southern Mississippi, Mississípi, Estados Unidos da América. Recuperado a 9 de novembro de 2019 de <https://aquila.usm.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=2529&context=dissertations>
- Brown, T. L., Salsman, J. M., Brechting, E. H., & Carlson, C. R. (2008). Religiousness, spirituality, and social support: How are they related to underage drinking among college students?. *Journal of Child & Adolescent Substance Abuse, 17*(2), 15-93. doi:10.1300/J029v17n02_02
- Bullivant, S. (2018). Europe's young adults and religion: Findings from the European Social Survey (2014-16) to inform the 2018 Synod of Bishops.

Benedict XVI Centre for Religion and Society 2018. Recuperado a 24 de julho de 2020 de <https://www.stmarys.ac.uk/research/centres/benedict-xvi/docs/2018-mar-europe-young-people-report-eng.pdf>

Burdette, A. M., Webb, N. S., Hill, T. D., Haynes, S. H., & Ford, J. A. (2018). Religious involvement and marijuana use for medical and recreational purposes. *Journal of Drug Issues*, 48(3), 421-434. doi:10.1177/0022042618770393

Chadwick, B. A., & Top, B. L. (1993). Religiosity and delinquency among LDS adolescents. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 32(1), 51-67. doi:10.2307/1386913

Chitwood, D. D., Weiss, M. L., & Leukefeld, C. G. (2008). A systematic review of recent literature on religiosity and substance use. *Journal of Drug Issues*, 38(3), 653-688. doi:10.1177/002204260803800302

Cooper, K., May, D., Soderstrom, I., & Jarjoura, G. R. (2009). Examining theoretical predictors of substance use among a sample of incarcerated youth. *Journal of Offender Rehabilitation*, 48(8), 669-659. doi:10.1080/10509670903287675

Costello, B. J., & Laub, J. H. (2020). Social control theory: The legacy of Travis Hirschi's causes of delinquency. *Annual Review of Criminology*, 3(1), 21-41. doi:10.1146/annurev-criminol-011419-041527

Demir-Dagdas, T., & Child, S. T. (2019). Religious affiliation, informal participation, and network support associated with substance use: Differences across age groups. *Health Education & Behavior*, 46(4), 656-665. doi:10.1177/1090198119826259

Dias, M. L. V. (2011). Religiosidade e comportamento desviante na adolescência: Dados de um estudo empírico. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 45(1), 5-23. doi:10.14195/1647-8614_45-1_1

Dobbelaere, K. (2011). The contextualization of definitions of religion. *International Review of Sociology*, 21(1), 191-204. doi:10.1080/03906701.2011.544199

Edlund, M. J., Harris, K. M., Koenig, H. G., Han, X., Sullivan, G., Mattox, R., & Tang, L. (2009). Religiosity and decreased risk of substance use disorders: Is the effect mediated by social support or mental health status?. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 45(8), 827-836. doi:10.1007/s00127-009-0124-3

Etikan, I., Musa, S. A., & Alkassim, R. S. (2016). Comparison of convenience sampling and purposive sampling. *American Journal of Theoretical and Applied Sciences*, 5(1), 1-4. doi:10.11648/j.ajtas.20160501.11

European Monitoring Centre for Drugs and Drug Addiction. (2020). *European drug report 2020: Trends and developments*. Luxembourg: Publications Office of the European Union. doi:10.2810/420678

Evans, T. D., Cullen, F. T., Burton, V. S., Dunaway, R. G., Payne, G. L., & Kethineni, S. R. (1996). Religion, social bonds and delinquency. *Deviant Behavior*, 17(1), 43-70. doi:10.1080/01639625.1996.9968014

Evans, T. D., Cullen, F. T., Dunaway, R. G., & Burton, V. S. (1995). Religion and crime reexamined: The impact of religion, secular controls, and

social ecology on adult criminality. *Criminology*, 33(2), 195-224. Recuperado a 8 de outubro de 2019 de <https://search.proquest.com/docview/220691123?accountid=39703>

Fowler, P. J., Ahmed, S. R., Tompsett, C. J., Jozefowicz-Simbeni, D. M., & Toro, P. A. (2008). Community violence and externalizing problems: Moderating effects of race and religiosity in emerging adulthood. *Journal of Community Psychology*, 36(7), 835-850. doi:10.1002/jcop.20267

French, D. C., Purwono, U., Zhao, S., Shen, M., & Eisenberg, N. (2019). Religiosity and effortful control as predictors of Indonesian adolescents' tobacco and alcohol use: Moderation and mediation. *Journal of research on adolescence*, 29(2), 321-333. doi:10.1111/jora.12446

Giordano, P. C., Longmore, M. A., Schroeder, R. D., & Seffrin, P. M. (2008). A life-course perspective on spirituality and desistance from crime. *Criminology*, 46(1), 99-132. doi:10.1111/j.1745-9125.2008.00104.x

Gomes, F. C., Andrade, A. G., Izbicki, R., Almeida, A. M., & Oliveira, L. G. (2013). Religion as a protective factor against drug use among brazilian university students: A national survey. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 35(1), 29-37. doi:10.1016/j.rbp.2012.05.010

Gomes, J. S. (2018). *Análise dos Efeitos da Religiosidade no Comportamento Criminal*. Dissertação de mestrado, Universidade do Porto, Porto, Portugal. Disponível: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/117589/2/303398.pdf>

Grim, B. J., & Grim, M. E. (2019). Belief, behavior, and belonging: How faith is indispensable in preventing and recovering from substance abuse. *Journal of Religion and Health*, 58, 1713-1750. doi:10.1007/s10943-019-00876-w

Guo, S., & Metcalfe, C. (2019). Religion as a social control: A longitudinal study of religious involvement and substance use. *Crime & Delinquency*, 65(8), 1149-1181. doi:10.1177/0011128718787510

Hill, M. C., & Pollock, W. (2015). Was Hirschi right?: A national-level longitudinal examination of religion as a social bond. *Deviant Behavior*, 36(10), 783-806. doi:10.1080/01639625.2014.977149

Hill, P. C., & Pargament, K. I. (2003). Advances in the conceptualization and measurement of religion and spirituality: Implications for physical and mental health research. *American Psychologist*, 58(1), 64-74. doi:10.1037/0003-066x.58.1.64

Hirschi, T., & Stark, R. (1969). Hellfire and delinquency. *Social Problems*, 17(2), 202-213. doi:10.1525/sp.1969.17.2.03a00050

Holdcroft, B. B. (2006). What is Religiosity? *Journal of Catholic Education*, 10(1). doi:10.15365/joce.1001082013

Isralowitz, R., Reznik, A., Sarid, O., Dagan, A., Grinstein-Cohen, O., & Wishkerman, V. Y. (2017). Religiosity as a substance use protective factor among female college students. *Journal of Religion and Health*, 57(4), 1451-1457. doi:10.1007/s10943-017-0521-y

Jang, S. J. (2018). Religiosity, crime, and drug use among juvenile offenders: A test of reciprocal relationships over time. *International Journal*

of *Offender Therapy and Comparative Criminology*, 62(14), 4445-4464. doi:10.1177/0306624x18769606

Johnson, B. R., Larson, D. B., De Li, S., & Jang, S. J. (2000). Escaping from the crime of inner cities: Church attendance and religious salience among disadvantaged youth. *Justice Quarterly*, 17(2), 377-391. doi:10.1080/07418820000096371

Johnson, T. J., Sheets, V. L., & Kristeller, J. L. (2008). Identifying mediators of the relationship between religiousness/spirituality and alcohol use. *Journal of Studies on Alcohol and Drugs*, 69(1), 160-170. doi:10.15288/jsad.2008.69.160

Kathol, N., & Sgoutas-Emch, S. (2016). Alcohol use in college: The relationship between religion, spirituality, and proscriptive attitudes toward alcohol. *Journal of Religion and Health*, 56(2), 437-449. doi:10.1007/s10943-016-0210-2

Kelly, P. E., Polanin, J. R., Jang, S. J., & Johnson, B. R. (2015). Religion, delinquency, and drug use: A meta-analysis. *Criminal Justice Review*, 40(4), 505-523. doi:10.1177/0734016815605151

Leiner, D. J. (2014). Convenience samples from online respondent pools: A case study of the SoSci panel. *Ludwig-Maximilians-Universität, Munique, Alemanha*.

Marsiglia, F. F., Kulis, S., Nieri, T., & Parsai, M. (2005). God forbid! Substance use among religious and nonreligious youth. *Am J Orthopsychiatry*, 75(4), 585-598. doi:10.1037/0002-9432.75.4.585

Miller, E. T., Neal, D. J., Roberts, L. J., Baer, J. S., Cressler, S. O., Metrik, J., & Marlatt, G. A. (2002). Test-retest reliability of alcohol measures: Is there a difference between Internet-based assessment and traditional methods?. *Psychology of Addictive Behaviors*, 16(1), 56-63. doi:10.1037/0893-164X.16.1.56

Miller, L. & Kelley, B. K. (2005). Relationships of religiosity and spirituality with mental health and psychopathology. In R.F. Paloutzian & C. L. Park (eds.). *Handbook of psychology of religion and spirituality* (pp.460-478). London: Guilford.

Miller, T., & Vuolo, M. (2018). Examining the antiascetic hypothesis through social control theory: Delinquency, religion, and reciprocation across the early life course. *Crime & Delinquency*, 64(11), 1458-1488. doi:10.1177/0011128717750393

Miller, W. R. (1998). Researching the spiritual dimensions of alcohol and other drug problems. *Addiction*, 93(7), 979-990. doi:10.1046/j.1360-0443.1998.9379793.x

Palamar, J. J., Kiang, M. V., & Halkitis, P. N. (2014). Religiosity and exposure to users in explaining illicit drug use among emerging adults. *Journal of Religion and Health*, 53(3), 658-674. doi:10.1007/s10943-012-9660-3

Petts, R. J. (2009). Family and religious characteristics' influence on delinquency trajectories from adolescence to young adulthood. *American Sociological Review*, 74(3), 465-483. doi:10.1177/000312240907400307

Pinto, C., & Pais-Ribeiro, J. L. (2007). Construção de uma escala de

avaliação da espiritualidade em contextos de saúde. *Arquivo de Medicina*, 21(2), 47-53. Recuperado a 14 de outubro de 2020, de http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0871-34132007000200002&lng=pt&tlng=pt.

Pratt, T. C., Gau, J. M., & Franklin, T. W. (2011). *Key ideas in criminology and criminal justice* (Cap. 5, pp. 55-69). Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, Inc. doi:10.4135/9781483388045

Prout, T. A., Gerber, L. E., & Gottdiener, W. H. (2015). Trauma and substance use: The role of defences and religious engagement. *Mental Health, Religion & Culture*, 18(2), 123-133. doi:10.1080/13674676.2015.1008442

Ribeiro, J. L. P. (2010). *Investigação e Avaliação em Psicologia e Saúde* (2ª ed.). Lisboa: Placebo Editora.

Riva, G., Teruzzi, T., & Anolli, L. (2003). The use of the internet in psychological research: Comparison of online and offline questionnaires. *CyberPsychology & Behavior*, 6(1), 73-80. doi:10.1089/109493103321167983

Rivera, C. J., Lauger, T. R., & Cretacci, M. A. (2018). Religiosity, marijuana use, and binge drinking: A test of the moral community hypothesis. *Sociology of Religion*, 79(3), 356-378. doi:10.1093/socrel/srx071

Russell, A. M., Yu, B., Thompson, C. G., Sussman, S. Y., & Barry, A. E. (2020). Assessing the relationship between youth religiosity and their alcohol use: A meta-analysis from 2008 to 2018. *Addictive Behaviors*, 106. doi:10.1016/j.addbeh.2020.106361

Salas-Wright, C. P., Vaughn, M. G., & Maynard, B. R. (2014). Religiosity and violence among adolescents in the United States: Findings from the national survey on drug use and health 2006-2010. *Journal of Interpersonal Violence*, 29(7), 1178-1200. doi:10.1177/0886260513506279

Salas-Wright, C. P., Vaughn, M. G., Hodge, D. R., & Perron, B. E. (2012). Religiosity profiles of american youth in relation to substance use, violence, and delinquency. *Journal of Youth and Adolescence*, 41(12), 1560-1575. doi:10.1007/s10964-012-9761-z

Salvatore, C., & Rubin, G. (2018). The influence of religion on the criminal behavior of emerging adults. *Religions*, 9(5), 141-158. doi:10.3390/rel9050141

Salvatore, C., & Taniguchi, T. A. (2012). Do social bonds matter for emerging adults? *Deviant Behavior*, 33(9), 738-756. doi:10.1080/01639625.2012.679888

Sanchez, Z. V. D. M., Oliveira, L. G., & Nappo, S. A. (2008). Religiosity as a protective factor against the use of drugs. *Substance Use & Misuse*, 43(10), 1476-1486. doi:10.1080/10826080802183288

Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências. (2019a). *Relatório anual 2018 — A situação do país em matéria de álcool*. Recuperado a 8 de abril, 2020, de http://www.sicad.pt/BK/Publicacoes/Lists/SICAD_PUBLICACOES/Attachments/161/RelatorioAnual_2018_%20ASituacaoDoPaisEmMateriaDeAlcool.pdf

Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas

Dependências. (2019b). *Relatório anual 2018 — A situação do país em matéria de drogas e toxicodependências*. Recuperado a 8 de abril, 2020, de http://www.sicad.pt/BK/Publicacoes/Lists/SICAD_PUBLICACOES/Attachments/162/Relat%C3%B3rioAnual_2018_ASitua%C3%A7%C3%A3oDoPa%C3%ADsEmMat%C3%A9riaDeDrogasEToxicodepend%C3%A2ncias.pdf

Staton, M., Webster, J. M., Hiller, M. L., Rostosky, S., & Leukefeld, C. (2003). An exploratory examination of spiritual well-being, religiosity, and drug use among incarcerated men. *Journal of Social Work Practice in the Addictions*, 3(3), 87-103. doi:10.1300/J160v03n03_06

Thomson, R. A., Jr. (2016). More than friends and family? Estimating the direct and indirect effects of religiosity on substance use in emerging adulthood. *Journal of Drug Issues*, 46(4), 326-346. doi:10.1177/0022042616659760

Tittle, C. R., & Welch, M. R. (1983). Religiosity and deviance: Toward a contingency theory of constraining effects. *Social Forces*, 61(3), 653. doi:10.2307/2578128

Ulmer, J. T., Desmond, S. A., Jang, S. J., & Johnson, B. R. (2012). Religious involvement and dynamics of marijuana use: Initiation, persistence, and desistence. *Deviant Behavior*, 33(6), 448-468. doi:10.1080/01639625.2011.636653

United Nations Office on Drugs and Crime. (2020). *World drug report 2020*. Recuperado a 7 de outubro, 2020, de https://wdr.unodc.org/wdr2020/field/WDR20_BOOKLET_1.pdf

Unlu, A., & Sahin, I. (2016). Religiosity and youth substance use in a Muslim context. *Journal of ethnicity in substance abuse*, 15(3), 287-309. doi:10.1080/15332640.2015.1033664

Yonker, J. E., Schnabelrauch, C. A., & DeHaan, L. G. (2012). The relationship between spirituality and religiosity on psychological outcomes in adolescents and emerging adults: A meta-analytic review. *Journal of Adolescence*, 35(2), 299-314. doi:10.1016/j.adolescence.2011.08.010

Anexo A. Questionário

Consentimento Informado

O presente questionário está integrado no projeto de dissertação de Mestrado na área de Psicologia Forense da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra e tem como objetivo estudar a religiosidade nos adultos emergentes em Portugal.

A participação nesta investigação é completamente anónima e voluntária. Todas as respostas são confidenciais e serão utilizadas exclusivamente no âmbito deste projeto. Não existem respostas certas ou erradas, o essencial é que responda de forma sincera.

Por favor, verifique que não deixou nenhuma resposta por preencher.

Agradecemos, desde já, a sua colaboração.

Para esclarecimentos adicionais, contacte: cmoliveirapsic@gmail.com

Tendo tomado conhecimento desta informação, declaro que:

- Estou de acordo.
- Não estou de acordo.

As seguintes questões referem-se a algumas informações pessoais. Por favor, indique:

Idade: _____

Sexo: Feminino Masculino Outro

Nacionalidade:

- Portuguesa
 Portuguesa e Outra (Dupla Nacionalidade)
 Outra (Qual? _____)

Nível de Escolaridade Concluído:

- 1º Ciclo
 2º Ciclo
 3º Ciclo
 Ensino Secundário
 Licenciatura
 Mestrado
 Doutoramento

No total, quantos anos de escolaridade concluiu: _____

Raça/Etnia:

- Branca
 Negra
 Cigana
 Asiática
 Outra (Qual? _____)

Estado Civil:

- Solteiro/
 Casado/a
 Unido/a de Facto
 Separado/a
 Divorciado/a
 Viúvo/a

Tem filhos?

- Sim
 Não

Se **sim**, quantos? _____

Que idade tinha quando nasceu o seu **primeiro** filho? _____

Quão próximo se sente:

	Nada	Um Pouco	Mais ou Menos	Muito
Da sua mãe.				
Do seu pai.				

As seguintes questões estão relacionadas com a forma como diferentes pessoas se relacionam com o consumo de substâncias. Tendo em conta as SUAS experiências, por favor INDIQUE:

Tendo em conta os ÚLTIMOS 12 MESES, quantas vezes consumiu:

	0 vezes	1-2 vezes	3-4 vezes	5-6 vezes	7 ou mais vezes
Álcool					
Cigarros					
Tranquilizantes ou sedativos sem receita médica?					
Canábis/Haxixe?					
Cocaina?					
Heroína?					
Cogumelos alucinogénios?					
Ecstasy?					
LSD?					
Opiáceos?					
Anfetaminas ou metanfetamina?					

No caso de ter consumido alguma destas substâncias, indique com que idade iniciou o consumo: _____

Dos seus 5 amigos mais próximos, quantos deles consomem álcool ou drogas ilícitas muito frequentemente? _____

As seguintes questões estão relacionadas com a forma como diferentes pessoas experienciam ou pensam a religião. Tendo em conta as SUAS experiências, por favor INDIQUE:

Qual é, neste momento, a sua afiliação religiosa.

- Católica
 Ortodoxa
 Protestante
 Judaica
 Muçulmana
 Outra Cristã (Qual? _____)
 Outra Não Cristã (Qual? _____)
 Agnóstico/a
 Sem Religião/Ateu

No caso de ter assinalado Agnóstico/a ou Sem Religião/Ateu, alguma vez teve alguma afiliação religiosa:

- Sim (Qual? _____)
 Não

Com que frequência:

	Nunca	Algumas vezes por ano	Uma vez por mês	Uma vez por semana	Várias vezes por semana
Vai a serviços religiosos (ex.: missa)					
Lê textos sagrados sozinho/a					
Reza sozinho/a					
Participa em atividades ligadas a grupos religiosos organizados (ex.: escuteiros ou grupos de jovens)					
Vê ou ouve programas religiosos na televisão ou rádio					

Quão importante é/são, para si:

	Nada	Um Pouco	Mais ou Menos	Muito
A religião na sua vida				
As crenças religiosas na sua vida				
Que os seus amigos partilhem as suas crenças religiosas				

Até que ponto se sente:

	Nada	Um Pouco	Mais ou Menos	Muito
Uma pessoa religiosa				
Uma pessoa próxima de Deus				
Convencido/a que deve existir alguém responsável pela origem do universo				
Confiante que existe vida depois da morte				

Dos seus 5 amigos mais próximos, quantos deles partilham as suas crenças religiosas? _____

Anexo B. Frequências relativas dos itens da Religiosidade

Tabela 9. Frequências relativas dos itens da frequência de realização de atividades religiosas

	Nunca	Algumas vezes por ano	Uma vez por mês	Uma vez por semana	Várias vezes por semana
Com que frequência:					
Vai a serviços religiosos	40.2%	41.2%	8.2%	9.3%	1%
Lê textos sagrados sozinho(a)	74.2%	17.5%	5.2%	0%	3.1%
Reza sozinho(a)	43.3%	26.8%	8.2%	6.2%	15.5%
Participa em atividades ligadas a grupos religiosos organizados	74.2%	10.3%	3.1%	7.2%	5.2%
Vê ou ouve programas religiosos na televisão ou rádio	77.3%	16.5%	4.1%	2.1%	0%

Tabela 10. Frequências relativas dos itens relacionados com a importância e sentimentos associados à religiosidade

	Nada	Um pouco	Mais ou menos	Muito
Quão importante é/são, para si:				
A religião na sua vida	37.1%	24.7%	20.6%	17.5%
As crenças religiosas na sua vida	35.1%	24.7%	22.7%	17.5%
Que os seus amigos partilhem as suas crenças religiosas	64.9%	15.5%	14.4%	5.2%
Até que ponto se sente:				
Uma pessoa religiosa	43.3%	19.6%	25.8%	11.3%
Uma pessoa próxima de deus	46.4%	15.5%	23.7%	14.4%
Convencido/a que deve existir alguém responsável pela origem do universo	32%	16.5%	21.6%	29.9%
Confiante que existe vida depois da morte	35.1%	25.8%	21.6%	17.5%

Tabela 11. Frequências relativas do item “Dos seus 5 amigos mais próximos, quantos deles partilham as suas crenças religiosas?”

	0	1	2	3	4	5
Quantos amigos partilham as suas crenças religiosas?	14.4%	15.5%	28.9%	20.6%	8.2%	12.4%